

O país do cinturão de ferrugem e da estrada esburacada | Carta semanal 30 (2024)



José Clemente Orozco (México), *The Epic of American Civilization* [A épic da civilização americana], 1932-1934.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em seu discurso **presidencial** inaugural em 20 de janeiro de 2017, Donald Trump usou uma frase poderosa para descrever a situação nos Estados Unidos: “Carnificina americana”. Em 1941, setenta e seis anos antes desse discurso, Henry Luce escreveu um **artigo** na revista *Lifè* sobre o “século americano” e a promessa da liderança dos EUA de ser “o centro dinâmico de esferas empresariais cada vez mais amplas”. Durante o período entre essas duas proclamações, os Estados Unidos passaram por uma imensa expansão conhecida como a “Era de Ouro” e, em seguida, por um notável declínio.

Esse tema do declínio retornou na campanha presidencial de Trump para 2024. “Não permitiremos que países

entrem, tirem nossos empregos e saqueiem nossa nação”, declarou Trump na Convenção Nacional da República em 19 de julho, em seu **discurso** para aceitar a indicação presidencial de seu partido. As palavras de Trump ecoaram seu discurso de posse de 2017, no qual ele disse: “tornamos outros países ricos enquanto a riqueza, a força e a confiança de nosso país desapareceram no horizonte”.

Em sete décadas, a autoimagem dos Estados Unidos caiu das alturas grandiosas de um “século americano” para o presente sangrento da “carnificina americana”. A “carnificina” que Trump identifica não está apenas no domínio econômico; ela define a arena política. Uma tentativa fracassada de assassinato contra Trump ocorre junto com uma rebelião aberta no Partido Democrata que **terminou** com o atual presidente dos EUA, Joe Biden, retirando-se da corrida presidencial e endossando sua vice-presidente, Kamala Harris, como sua substituta. Segundo todos os relatos, Trump será o favorito para derrotar qualquer candidato democrata nas urnas em novembro, já que ele lidera em diversos dos chamados *swing states* [estados decisivos] (que **abrigam** um quinto da população dos EUA).

Na convenção republicana, Trump tentou falar sobre união, mas essa é uma linguagem falsa. Quanto mais os políticos dos EUA falam em “unir o país” ou em bipartidarismo, maiores tendem a ser as divisões entre liberais e conservadores. O que os divide não é a política em si, já que os dois partidos pertencem ao **extremo centro** que promete impor austeridade às massas e, ao mesmo tempo, garantir segurança financeira às classes dominantes, mas sim uma atitude e uma orientação. Algumas políticas domésticas (por mais importantes que sejam, como o direito ao aborto) desempenham um papel fundamental para permitir o surgimento dessa diferença nos ânimos.



Robert Gwathmey (EUA), *Sunny South* [Sul ensolarado] 1944.

Relatórios e rumores vazados de documentos do governo dos EUA que dão uma ideia da devastação contínua da vida social. Os jovens se encontram à mercê de empregos precários. As execuções hipotecárias e os despejos de pessoas de baixa renda continuam, à medida que xerifes e paramilitares de empresas de recuperação de dívidas realizam buscas dos chamados inadimplentes. As dívidas pessoais dispararam à medida que pessoas comuns com meios inadequados de ganhar a vida recorrem a cartões de crédito e ao mundo obscuro das agências de empréstimo pessoal para não passar fome. A **Terceira Grande Depressão** deixou ainda mais vulneráveis os trabalhadores do setor de serviços, com baixos salários e ausência de benefícios, a maioria dos quais são mulheres. Em momentos anteriores de depressão econômica, essas mulheres, com esses empregos, estenderam seus **corações invisíveis** em suas famílias; agora, nem mesmo essa cola alimentada pelo amor está mais disponível.



Hector Hyppolite (Haiti), *Marinée pie chè che (MARINÉ I)*, 1944-1946.

Em 18 de julho, o Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou seu **relatório** sobre os Estados Unidos, que mostrou que as taxas de pobreza no país “aumentaram 4,6 pontos percentuais em 2022 e a taxa de pobreza infantil mais que dobrou”. Esse aumento na pobreza infantil é “diretamente atribuído à expiração da assistência da era da pandemia”, escreveu o FMI. Nenhum governo dos Estados Unidos, com sua economia

em crise e o aumento dos gastos militares, fornecerá acesso às condições básicas de sobrevivência para milhões de famílias. Um parágrafo do relatório me pareceu particularmente significativo:

O aumento da pressão sobre as famílias de baixa renda está se tornando mais visível com o aumento da inadimplência no crédito rotativo. Além disso, a piora na acessibilidade das moradias agravou o acesso a abrigos, principalmente para os jovens e as famílias de baixa renda. Isso fica evidente no número de pessoas sem teto, que atingiu seu índice mais alto desde que os dados começaram a ser compilados em 2007.

Partes da paisagem dos EUA agora estão desoladas: fábricas abandonadas abrem espaço para as andorinhas de chaminés, enquanto antigas casas de fazenda se tornam laboratórios de metanfetamina. Há tristeza nos sonhos rurais desfeitos, a lacuna entre a angústia dos fazendeiros em Iowa não está tão longe da angústia dos camponeses no **Brasil, Índia e África do Sul**. Aqueles que antes eram empregados na produção industrial em massa ou na agricultura não são mais necessários para os ciclos de acumulação de capital nos Estados Unidos. Eles se tornaram descartáveis.

Na época em que a China desenvolveu a **Iniciativa Cinturão e Rota (ICR)** para melhorar a infraestrutura em todo o mundo, em 2013, os Estados Unidos já haviam entrado em sua própria realidade de cinturão de ferrugem e da estrada esburacada.

É impossível para a classe política dos EUA, que está comprometida com essa política de austeridade, controlar, e muito menos reverter, essa espiral descendente. As políticas de austeridade canibalizam a vida social, destruindo tudo o que possibilita que os seres humanos vivam no mundo moderno. Durante décadas, os partidos do liberalismo e do conservadorismo silenciaram suas tradições históricas e se tornaram sombras um do outro. Assim como a água em um vaso sanitário corre em espiral e é arrastada para o esgoto, os partidos da classe dominante correram em direção ao extremo centro para defender a austeridade e permitir uma distribuição obscena da riqueza para cima em nome do estímulo ao empreendedorismo e ao crescimento.

Seja na Europa ou na América do Norte, hoje o centro extremo está perdendo cada vez mais sua legitimidade entre as populações do Norte Global, atrofiadas pelo mal-estar. Propostas feias que supostamente buscam estimular o crescimento e que teriam soado aceitáveis três décadas atrás – como cortes de impostos e aumento dos gastos militares – agora têm um caráter vazio. A classe política não tem respostas eficazes para o crescimento estagnado e a infraestrutura deteriorada. Nos Estados Unidos, Trump encontrou uma maneira politicamente conveniente de falar sobre os problemas do país, mas suas próprias soluções – como a ideia de que a militarização das fronteiras e a escalada das **guerras comerciais** serão capazes de criar magicamente o investimento necessário para “tornar a América grande novamente” – são, na verdade, tão vazias quanto as de seus rivais. Apesar de ter promulgado um conjunto de leis para **incentivar** investimentos produtivos (como a Lei de Redução da Inflação, a Lei de Criação de Incentivos Úteis para a Produção de Semicondutores [CHIPS] e Ciência e a Lei de Investimentos em Infraestrutura e Empregos), o governo dos EUA não conseguiu resolver a enorme lacuna na formação necessária de capital fixo. Além da dívida, há poucas outras fontes de investimento na infraestrutura do país. Até mesmo o Federal Reserve Bank dos EUA **duvida** da possibilidade de que os EUA possam facilmente **desvincular** sua economia da economia chinesa, em expansão.



Moisés Berra (Honduras), *Luchemos* [Lutemos], 1971.

É tentador usar palavras como “fascismo” para descrever tendências políticas como as lideradas por Trump e um grupo variado de líderes de direita na Europa. Mas o uso desse termo não é preciso, pois ignora o fato de que Trump e outros compõem uma extrema direita de um tipo especial, que se sente razoavelmente confortável com as instituições democráticas. Essa extrema-direita rompe com a retórica neoliberal apelando para a angústia causada pelo declínio de seus países e usando uma linguagem patriótica que desperta grandes sentimentos de nacionalismo entre as pessoas que se sentem “excluídas” há pelo menos uma geração. No entanto, em vez de culpar o projeto do neoliberalismo por esse declínio nacional, os líderes dessa extrema-direita de um tipo especial culpam os imigrantes da classe trabalhadora e as novas formas culturais que surgiram em seus países (especialmente a crescente aceitação social da igualdade racial e de gênero e da liberdade sexual). Como a extrema direita não tem um novo projeto a oferecer ao povo para reverter esse declínio, ela segue em frente com as políticas neoliberais com tanto entusiasmo quanto o extremo centro.

Enquanto isso, incapazes de romper com o extremo centro, as forças exauridas do liberalismo só podem gritar que são uma alternativa melhor do que a extrema direita. Essa é uma escolha errada que reduziu a vida política a diferentes lados do centro extremo. É necessária uma pausa genuína na carnificina. Nem a extrema direita de um tipo especial nem o liberalismo podem proporcionar essa ruptura.



Angelina Quic Ixtamer (Guatemala), *Mayan Market* [Mercado maia], 2014.

Em 1942, o economista Joseph Schumpeter publicou *Capitalism, Socialism, and Democracy* [*Capitalismo, socialismo e democracia*]. Schumpeter argumentou que, ao longo de sua história, o capitalismo gerou uma série de recessões comerciais quando empresas falidas fecharam. Nas cinzas desses colapsos, segundo Schumpeter, nasce uma fênix por meio da “destruição criativa”. Entretanto, mesmo que a “destruição criativa” acabe produzindo novas linhas de negócios e, portanto, empregos, a carnificina que ela causa resulta na possibilidade de uma virada política para o socialismo. Embora a marcha para o socialismo ainda não tenha ocorrido nos Estados Unidos, um número cada vez maior de jovens está mais e mais **atraído** por essa possibilidade.

Em 1968, na noite anterior à sua morte, Martin Luther King, Jr., **disse** ‘somente quando estiver escuro o suficiente você poderá ver as estrelas’. Agora parece escuro o suficiente. Talvez não nesta eleição, nem na próxima, nem mesmo na seguinte, mas logo as opções se estreitarão, o extremo centro – já ilegítimo – desaparecerá e novos projetos germinarão, melhorando a vida das pessoas em vez de usar a riqueza social do Norte Global para aterrorizar o mundo e enriquecer uns poucos. Podemos ver essas estrelas. As mãos estão se esforçando para alcançá-las.

Cordialmente,

Vijay